

Da transformação à metarruption: o novo ciclo estratégico das empresas

A tecnologia deixou de ser coadjuvante: estamos em um ciclo em que esta assume o papel de protagonista silenciosa, reescrevendo as regras de setores inteiros, e transformando modelos de negócio de forma estrutural.

Não se trata mais de usar ferramentas digitais para ganhar eficiência aqui e ali; trata-se de redesenhar estratégias e mercados, um fenômeno tão abrangente que já ganha nome próprio: metarruption. A disrupção deixa de ser um evento isolado e se converte no estado permanente dos negócios, ditando os rumos de empresas e indústrias inteiras.

Metarruption é uma expressão cunhada por Roger Spitz, presidente do Disruptive Futures Institute, para definir "uma família multidimensional de disrupções sistêmicas, autoalimentadas e contínuas, que reescrevem a própria natureza da mudança". Ou seja, não estamos mais lidando com ondas isoladas de inovação, mas com um ciclo autossustentado e em aceleração de transformações sobrepostas que alteram radicalmente as bases da estratégia empresarial.

O conceito, mais do que um neologismo, dá nome a um movimento que muitas empresas já vivem na prática — mesmo sem saber. Setores inteiros estão sendo remodelados não por uma única inovação, mas pela sobreposição de múltiplas tecnologias, que operam em sinergia e desafiam qualquer tentativa de previsibilidade.

No Brasil, essa realidade ganha contornos próprios — um país historicamente resiliente e criativo, agora em meio a uma transformação digital acelerada que desafia empresas de todos os portes a repensar sua forma de operar.

Do suporte à estratégia: o que mudou no papel da tecnologia - Por décadas, tecnologia nas empresas foi sinônimo de infraestrutura e eficiência operacional. Implementavam-se sistemas de ERP para integrar processos, automatizavam-se tarefas pontuais e investia-se em TI visando cortar custos ou resolver problemas específicos. Isso mudou drasticamente.

A digitalização acelerada, a ubiquidade dos dados e o avanço de ferramentas como inteli-



Inon Neves

“**Conselhos e diretorias querem à frente da TI executivos que entendam profundamente do core business**

gência artificial (IA) redefiniram as bases da gestão. Decisões que antes se apoiavam apenas em experiência e intuição agora são guiadas por analytics preditivo em tempo real. Processos antes manuais são repensados com automação inteligente, e modelos de negócio inteiros emergem a partir de plataformas tecnológicas. Tecnologia deixou de ser apenas operacional e passou a influenciar diretamente modelos de negócio, estruturas de custo, capacidade de escalar operações, gestão de riscos e a qualidade das decisões estratégicas tomadas.

Essa transformação não aconteceu da noite para o dia. Nos últimos anos, vimos uma queda brusca no custo de armazenamento e processamento de dados em nuvem, a popularização de softwares como serviço e o amadurecimento de soluções de IA e aprendizado de máquina. Esses fatores permitiram que empresas tradicionais adotassem tecnologias de ponta sem precisar de investimentos proibitivos.

O resultado é um ambiente de negócios mais complexo, porém fértil para quem souber nave-

gar: decisões mais rápidas e fundamentadas em dados, produtos digitais reinventando setores clássicos e uma pressão inédita por inovação contínua. Setores tradicionais como indústria, agronegócio, logística e varejo — pilares da economia brasileira — sentem na pele essa mudança. As margens comprimidas e a alta competitividade nesses segmentos forçam uma busca incessante por eficiência e diferenciação, e é justamente aí que a tecnologia emerge como diferencial: quem vai além do “feijão com arroz” tecnológico prospera, enquanto os que ignoram essa onda ficam para trás.

Da teoria à prática na era da metarruption - Se nos anos anteriores muito se falou conceitualmente sobre transformação digital, este ano carrega consigo a perspectiva de ser um ponto de inflexão em que essa conversa se torna concreta e decisiva. Veremos menos discursos genéricos sobre “ser digital” e mais cobrança por eficiência, governança, previsibilidade e retorno sobre o investimento de cada iniciativa tecnológica. Os chamados elefantes brancos — projetos grandiosos de TI sem conexão direta com a estratégia ou o caixa — tendem a perder espaço rapidamente. Em vez disso, ganharão holofote aquelas iniciativas que claramente conectam tecnologia a vantagem competitiva, seja aumentando margem, acelerando entregas ou elevando a satisfação do cliente.

Conselhos e diretorias querem à frente da TI executivos que entendam profundamente do core business, que saibam priorizar investimentos com visão de longo prazo e que assumam responsabilidade por resultados tangíveis, não apenas pela estabilidade da infraestrutura. As fronteiras entre áreas vão ficando mais difusas — termos como bizdev, data science, UX e DevOps já fazem parte do vocabulário comum dos altos executivos, indicando como estratégia, negócio e tecnologia se entrelaçam num único tecido organizacional.

A essa altura, fica evidente que metarruption não é apenas um jargão da moda, mas um chamado à ação. Trata-se do reconhecimento de que vivemos em um ambiente de mudança contínua e multifacetada, onde a tecnologia é o fio condutor. A tecnologia não é mais suporte — é estratégia. Vencer na era da metarruption significa abraçar a mudança contínua, aprender rápido e alinhar, como nunca, estratégia e tecnologia em prol de um futuro de sucesso.

(Fonte: Inon Neves, vice-presidente da Access).

Negócios em Pauta

Ministério de Portos e Aeroportos



Programa Navegue Simples apresenta calendário e avança na desburocratização

O Comitê Técnico Interinstitucional do programa Navegue Simples, coordenado pelo Ministério de Portos e Aeroportos, realizou na última sexta-feira (13) a primeira reunião ordinária de 2026 traçando a rota para a "2ª Onda" de entregas. O encontro avaliou resultados e definiu metas para destravar investimentos e modernizar a gestão portuária brasileira, com foco em segurança jurídica e na redução do chamado "Custo Brasil". Na reunião, foi criado um Grupo de Trabalho (GT) focado em novas oportunidades de negócios. O objetivo é estudar e prospectar tendências tecnológicas para o uso não convencional de ativos portuários públicos, mapeando tendências em transição energética, combustíveis sustentáveis e saneamento, alinhando a infraestrutura nacional às demandas globais (Ministério de Portos e Aeroportos). [Leia a coluna completa na página 3](#)

News@TI

Freepik



Transformando indústrias e negócios com otimização, inteligência artificial e internet das coisas

@Tecnologias que unem ferramentas de otimização, inteligência artificial (IA) e internet das coisas (IoT) já estão transformando diversos setores da sociedade, mas ainda há um campo infinito de possibilidades para gerar impactos positivos nas empresas e indústrias. Para apresentar e discutir essas possibilidades, evidenciando alguns casos de sucesso, um evento gratuito online acontecerá na próxima quinta-feira, 19 de março, a partir das 19 horas. Promovido pelo ICMC da USP, em São Carlos, o evento Transformando negócios e indústrias com otimização, inteligência artificial e internet das coisas trará ao debate quatro especialistas da área: os professores Cláudio Toledo e Júlio Cezar Estrella, do ICMC; o diretor executivo da Maximiza IA e pesquisador no Instituto SENAI de Inovação de Santa Catarina, Márcio da Silva Arantes; e o diretor executivo da startup de IA e robótica EverThink, Roberto de Andrade, mais conhecido como Bob (<https://www.youtube.com/ICMCTV>). [Leia a coluna completa na página 2](#)

A Mente do Cliente

Se não está documentado a IA "não sabe" e é aí que a gente perde (muito), principalmente as mulheres



Neiva Mendes

[Leia na página 5](#)

A Outra Sala

As decisões ruins das empresas raramente começam com má intenção



Ana Luisa Winckler

[Leia na página 4](#)

Guerra e geopolítica levam empresários a buscar proteção patrimonial no exterior

Conflitos internacionais pressionam petróleo inflação e câmbio e estimulam empresas a diversificar patrimônio e estruturar operações fora do país. [Leia mais](#)

Centralizar a IA em um Chief AI Officer pode limitar inovação

Para Chad Hesters, tratar a IA como responsabilidade de um único executivo cria novos silos organizacionais e dificulta transformar investimentos em resultados. [Leia mais](#)

Cresce a busca por vistos sazonais: como obter a documentação para trabalhar no exterior?

Brasil ficou entre os principais países de origem de fluxos migratórios, com cerca de 19,6 mil novos imigrantes, diz pesquisa. [Leia mais](#)

Os três pilares que o mercado de M&A deve valorizar em 2026

O mercado de fusões e aquisições no Brasil em 2026 tende a operar em um ambiente mais construtivo do que o observado em anos anteriores, período marcado por juros elevados, maior aversão a risco e desalinhamento de expectativas de valuation que travaram diversas transações. [Leia mais](#)



Para informações sobre o

MERCADO FINANCEIRO

faça a leitura do QR Code com seu celular